
JEQUITIBÁS E EUCALIPTOS - UMA DISTRAÇÃO REFLEXIVA SOBRE: O DEBATE ÉTICO E BIOÉTICO NA EDUCAÇÃO FÍSICA

Sexta-feira. Um dia como qualquer outro. Uma maneira formal usada pelos calendários para identificar e distinguir os dias da semana. Os dias, em termos cronológicos, são, exatamente, uma enfadonha repetição. Vinte quatro horas. Manhã e tarde. A diferença se dá por força do que acontece ou não acontece. O grande responsável pela quebra da monotonia é o ser humano. O homem, além de significar a sucessão do tempo, faz acontecer. Os dias ficam cheios ou vazios pela vontade ou pelo imaginário dos humanos. Desta maneira os dias passam a marcar, individual e coletivamente, o desenrolar da existência humana. Com isto a ordem se inverte, em lugar dos dias pertencerem ao homem, este passa a pertencer a aqueles. Os humanos ficam escravos das horas. Neste ritmo todos precisam cumprir tarefas dentro dos limites das horas e dos dias. Neste sentido, as instituições, de qualquer natureza, são as grandes administradoras do tempo.

E a sexta feira, como ficou? Desde a milenar tradição bíblica, o sexto dia, para nós a sexta-feira, foi designado como o último dia de trabalho produtivo. Depois dele, o descanso do Criador. Fora do sistema produtivo, a sexta-feira, graças ao imaginário humano, reveste-se de uma imensa riqueza simbólica, mas não é o que interessa neste momento.

O que, aqui, se pergunta é sobre o que uma sexta-feira pode representar para uma instituição dedicada às ciências? Em princípio, enquanto dia da semana, provavelmente, nada. Ou, melhor, tudo aquilo que nela se determine fazer. Assim, a sexta-feira será aquilo que nela se faz acontecer. Então, não adianta falar de sexta-feira, mas daquilo que foi estabelecido que se deveria fazer. Portanto, há só uma alternativa, descrever os fenômenos que se desenrolam num determinado templo de cientificidade.

O programa previa dois rituais, um, pela manhã, consagraria o tema da bioética, outro, pela tarde, estaria concentrado num ponto da biomecânica. Paradoxalmente duas palavras com raízes etimológicas muito próximas, mas infinitamente distantes em seus propósitos. A primeira tinha o objetivo de falar do ethos da bios, isto é, o costume da vida; a segunda, parece, pretendia enquadrar a dinâmica da vida como uma ação físico-mecânica. Desta forma, o abismo que as separava não podia ser representado pela manhã e pela tarde de uma sexta-feira. A distinção deveria ser procurada em outras instâncias. Talvez, na composição dos colegiados de sábios especialistas, alvos da atenção das duas comitativas, estaria a solução. A eles cabia officiar a respectiva liturgia que definiria a pureza científica das oferendas.

Num momento, totalmente casual, as duas comitativas, com seus respectivos colegiados, se cruzaram na porta de entrada para uns, de saída, para outros. Foi aí que surgiu a provocação para compreender o enorme poder, sublinhe-se, científico dos colegiados dos sábios especialistas. Os curtos segundos do encontro não permitem pensar numa comparação. Além disso, a bem da verdade, não é o objetivo último desta descrição ou distração reflexiva.

A composição do colegiado bioético, já tendo exercido seu poder, será descrita mais adiante. Quanto ao colegiado biomecânico, somente é possível falar das aparências. E as aparências podem enganar. Entretanto, sempre dizem alguma coisa. A julgar pela indumentária, e a vestimenta em certos rituais sempre se torna muito eloqüente, quando não, indispensável para a validade do ato, conclui-se que se tratava de algo muito sério. Claro, se os indicadores, que nos oferece Roberto Gomes, podem ser tomados como índice hermenêutico. Então, nos diz ele, - Roberto Gomes - sempre que se trata de realizar uma atividade “cultural” – e entre elas, certamente, estão as bancas de

concursos e defesas de teses - “o brasileiro sério mergulha num terno e gravata”. Portanto, ficou evidente que se poderia prever uma atmosfera de total seriedade. Querer dizer algo mais seria pura levandade. Soube-se, depois, que se tratava de tecnologia sobre a pedalada.

Em relação ao outro colegiado, o da bioética, acompanhado mais de perto e objeto primeiro desta descrição, foi possível colher maiores detalhes, o que, em parte, dispensou a observação do vestuário.

Antes de tudo, é bom lembrar que há múltiplas maneiras de descrever um fenômeno. A linguagem científica, talvez, não seja a mais adequada para este momento, embora a mais confiável. Mas como a intenção é provocar o imaginário do leitor, a linguagem metafórica foi considerada a mais adequada, por ser mais criativa, mais ambígua, mais poética e mais provocativa. Os componentes do colegiado, como é de praxe, eram cinco. E como o tema girava em torno da vida - a bioética - nada melhor do que buscar inspiração na criatividade metafórica de Rubem Alves, no capítulo, Sobre Jequitibás e Eucaliptos. A transcrição para a descrição do colegiado será uma adaptação livre. Assim, pareceu-me que o quinteto do colegiado da bioética era formado por quatro exemplares de eucaliptos, facilmente encontrados às dezenas em muitas plantações acadêmicas, e, entre eles, sobressaía um **jequitibá**. Sim, um **je-qui-ti-bá**.

Aparentemente, observa Rubem Alves, alguém pode dizer: “jequitibá e eucalipto, não é tudo árvore, madeira? No final não dá tudo no mesmo?” E ele mesmo esclarece: “Não, não dá tudo no mesmo porque cada árvore é a revelação de um habitat, cada uma delas tem cidadania num mundo específico. A primeira, no mundo do mistério, a segunda no mundo da organização e das instituições”.

Diante desta força da linguagem metafórica, certamente, é possível perceber o que significam o terno e a gravata, e distinguir um jequitibá de um eucalipto, em suas recíprocas relações com o poder da ciência. Para tornar mais compreensível esta paisagem litúrgica, nada melhor do que recorrer a mestres que já descreveram com muita argúcia os artifícios do poder científico.

Seria possível continuar com o mestre Rubem Alves, mas, certamente, recorrer a Francisco Varela poderá ser mais convincente por pertencer a uma área científica de maior poder, e que ele mesmo denuncia. Então, aqui estão as suas idéias: “as ciências cognitivas pareceram-me ser um mosaico de perspectivas mais ou menos compatíveis, e não um domínio homogêneo. No entanto, é óbvio, sendo uma atividade social, a ciência é atravessada por correntes de poder que dão a algumas das suas vozes mais autoridade do que a outras”. (Conhecer p. 12). Ouso dizer que essas vozes com maior autoridade acabaram atribuindo-se o poder de estabelecer o que é científico e o que não é científico. O que é e como deve ser uma tese.

No universo científico, controlado por essas correntes de poder, denunciadas por Varela, torna-se difícil entender, e impossível aceitar o que Marilena Chauí escreve baseada em Merleau-Ponty: “A filosofia de Merleau-Ponty, conclui Chauí, arruinara as certezas e evidências trazidas pelas idéias da razão, natureza e história cuja positividade permitia o surgimento de duplos imaginários e igualmente positivos: a irrazão, a vida e a dispersão dos acontecimentos. O pensamento merleau-pontyano buscou o decentramento sem alarde, um trabalho corajoso e paciente que desmanchou o tecido da tradição puxando os fios da não-coincidência, movendo-se na tensão resvalosa dos impossíveis sem procurar sínteses apaziguantes, abrindo-se ao movimento de uma diferenciação primordial de onde nascia a possibilidade de outra ontologia”. (Da realidade sem mistérios ao mistério do mundo p. 183). Evidentemente, quando alguém se apresenta com esta maneira de pensar, as portas do templo da cientificidade permanecerão fechadas ao mesmo tempo soarão os alarmes dos vigias de plantão.

Como convencer aos oficiais de plantão, cujo poder está no privilegiamento de determinadas verdades e evidências, que “A ambigüidade não é falha, defeito, carência de um sentido que seria rigoroso se fosse unívoco. A ambigüidade é a forma de existência dos objetos da percepção e da

cultura, percepções e cultura sendo, elas também, ambíguas, constituídas não de elementos ou de partes separáveis, mas de dimensões simultâneas que, como dizia ainda Merleau-Ponty, somente serão alcançadas por uma racionalidade alargada, para além do intelectualismo e do empirismo”. (Chauí – Conformismo e Resistência p. 123).

Para concluir esta descrição (distração) reflexiva do funcionamento do controle das produções científicas, nada melhor do que lembrar a seguinte passagem do mestre Rubem Alves: “Diz-nos Freud que a questão decisiva não é a compreensão intelectual, mas um ato de amor. São atos de amor e paixão que se encontram nos momentos fundadores de mundos, momentos em que se encontram os revolucionários, os poetas, os profetas, os videntes. E depois, quando se esvai o ímpeto criador, quando as águas correntes se transformam primeiro em lagoas, depois em charcos, que se estabelece a gerência, a administração, a burocracia, a rotina, a racionalização, a racionalidade”. (Conversas com quem gosta de ensinar. p. 18-19).

Voltando à adaptação da linguagem metafórica seria possível, sempre sob a inspiração do mestre citado, que, talvez, um eucalipto seja um funcionário das instituições que gerenciam lagoas e charcos, especialista em reprodução, peça num aparelho ideológico de Estado. Um jequitibá, ao contrário, é um fundador de mundos, mediador de esperanças, pastor de projetos.

Voltemos ao cenário e ao templo do ritual. Você percebeu? Para mim foi mais claro que a luz do dia. Todos perceberam. Acredito, com quase certeza, que, até, o suspeito articulador da trama sombria percebeu: **O jequitibá esteve sempre do nosso lado.** Somente ele poderia entender que a tese era o resultado de uma expressão de amor pela vida, pela dignidade da pessoa e por uma educação física capaz de ir além da ciência, da técnica e dos códigos. Que ela fora tecida cuidadosamente pelo discurso, não da certeza e da evidência, mas com o poder mágico de acordar os que dormem, com o poder mágico de criar um novo mundo humano, onde, no dizer de Camus, o problema filosófico realmente sério é “julgar se a vida é digna ou não de ser vivida”.

Entretanto, parece, que os pés, que fazem o caminho ao caminhar, hábeis para seguir os caminhos heideggerianos da floresta, que são, numa palavra, pés caminhantes segundo o ethos da bios, precisam esperar para entrar no território da atual educação física, reservado, por enquanto, aos pés pedalantes.

No final da liturgia, sempre metaforicamente, é possível concluir que o jequitibá será sempre uma árvore símbolo de grandeza, de dignidade e de visões proféticas. E o eucalipto? Bem, os eucaliptos serão sempre matéria prima gerenciada e administrada segundo a sua excelência funcional, excelência esta que é sempre julgada a partir dos interesses do sistema.

Prof. Silvino Santin
Santa Maria, 07.08.2003